Da Maria, do TOC e do Chega: Sujeito do inconsciente ao laço social

Duarte Coxo[1]

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão sobre as intersecções entre psicanálise, política e poder, articulando a tradição freudiana e lacaniana com os desenvolvimentos da psicanálise relacional contemporânea. Parte-se da compreensão de que o poder não se limita às estruturas institucionais, mas atravessa o inconsciente e as formas de laço social. A partir de autores como Freud, Lacan, Foucault, Butler e Jessica Benjamin, discute-se o modo como as relações de poder se reproduzem e se transformam nos vínculos humanos — e em particular na relação terapêutica. Destaca-se o papel da criatividade e do reconhecimento mútuo como possibilidades ético-políticas de resistência à lógica autoritária e de reconstrução do laço social, com especial atenção ao contexto português contemporâneo, marcado por polarização e crise de reconhecimento.

Palavras-chave: Política; Poder; Psicanálise Relacional.

Conheci a Maria em Dezembro de 2014. Tinha 35 anos. Justificámos questões burocráticas do acompanhamento pela relação da Maria com a nicotina. Começámos, sem questões burocráticas, a construção de um espaço de relação e de combate a uma depressão que não a deixava viver a sua vida ou aquilo que nela desejava. Combinámos numa procura de revolta mediante a condição vivida.

A Maria tinha chegado ao serviço por sugestão da mãe. Esta era enfer-

[1] Psicólogo Clínico, CRI do Alentejo Central
duartecoxo@gmail.com

meira e terá sido colega de um médico do serviço que lhe falou de um psicólogo que talvez pudesse ajudar. A mãe era para Maria uma figura significativa e de referência. Elemento-chave das ligações emocionais entre os elementos familiares (pai, mãe, três filhos e três netos). Uma gestora num universo emocional familiar.

O pai seria também ele uma figura de referência, mas naquela que seria uma funcionalidade dos elementos. Com toda uma história de vida que se enleava na política, valorizava a força do trabalho e os resultados deste. Tinha uma visão de sentido assumidamente à esquerda. Não ligava nem falava muito de emoções. Estava algumas vezes ausente porque a consciência colectiva e os outros assim o exigiam. Um gestor num universo funcional.

A Maria tinha uma filha que entrava à data na adolescência (seja lá isso o que for! Não vou por aí hoje). A Maria desejava e gostava de si no seu papel de mãe. Sempre sonhou ter uma família (como tinha tido a sua mãe antes da separação).

O companheiro da Maria era o João. Tinham-se conhecido ainda adolescentes. Decidiram viver juntos depois que a Maria terminou o curso e começou a trabalhar na área de Serviço Social. O João tinha decidido deixar de estudar depois do 9º ano e foi trabalhar na construção civil. O dinheiro era uma coisa importante e era preciso tê-lo. Experimentou trabalho num país das arábias onde supostamente se ganhava bem, mas onde os negócios da construção civil acabaram por correr mal. Voltou para Portugal sem dinheiro e com o peso do fracasso. A Maria diz que voltou outro. Deprimido, sem papel, sem vida. Um João, muitas vezes "quase filho", que ela tinha que cuidar.

Naquela que foi a relação terapêutica, aprendemos a brincar com uma "super-mulher" ferida de quase morte, carregada e cansada, que aos poucos foi conseguindo despir esse fato. Aprendemos a brincar com um "Hulk" de revolta que se começou a revelar e que foi preciso "educar". Descobrimos uma paixão reparadora na corrida, bem como a liberdade de se viver o prazer nessa paixão. A Maria deixou de fumar (eu nem por isso). O trabalho social

da Maria começou a ficar no trabalho e a ser só isso. O João foi procurar um curso de segurança e arranjou trabalho. Os problemas financeiros resolveram-se. A relação com o João começou a ganhar algum espaço, sendo que já era possível os dois conversarem enquanto casal. A mãe da Maria adoeceu e morreu com um cancro. Foi preciso estar com a Maria nesse seu caminho de luto. Os irmãos zangaram-se com as partilhas. O pai não conseguiu segurar o tal do universo emocional que era do departamento da mãe. Ainda assim, a Maria era cada vez mais só Maria, num lugar de harmonia entre função e emoção. Tinha deixado de ter que ser a super-mulher. Tinha ensinado o "Hulk" a comportar-se. Era capaz de correr sozinha pelo prazer de correr. A Maria foi à vida da Maria em Dezembro de 2022.

Em Janeiro de 2025 a Maria voltou ao acompanhamento psicológico. Tinha agora 45 anos e tinham-se passado três anos desde a última sessão. A Maria sentia que estava a ir por um caminho que já conhecia, para um lugar também ele conhecido, mas referia que ainda não tinha quebrado. Tinha passado por um cancro da mama. Esse encontro tinha deixado marcas. Conseguiu levar o João a um acompanhamento psiquiátrico. Diagnosticaram TOC e muita ansiedade. Medicaram. Sugeriram acompanhamento psicológico, mas o João voltou a dizer "não". "São todos uns cuscos!" O espaço de relação com o João tinha-se degradado. Assim como uma casa que não foi cuidada. A Maria falou-me de um João que era agora apoiante do Chega. Falou-me dos conflitos deste com o pai da Maria (que era comunista), dos conflitos deste com a Maria (mulher independente), dos conflitos deste com a filha (mulher independente em construção).

Restabelecido o espaço terapêutico, bem como a segurança da relação, numa sessão em que a Maria tinha chegado "derreada" e onde acabou por "quebrar", disparou duas questões sobre o motivo do seu regresso à terapia:

"Como é que se lida com alguém com TOC?"

"Como é que se lida com alguém do Chega?"

Sem qualquer resposta, pareceu-nos um bom princípio de caminho.

Desde a sua origem, que a psicanálise se apresenta enquanto teoria do sujeito, mas também como uma crítica à cultura e às formas de poder que moldam o desejo e a subjectividade. Em *O mal-estar na civilização* (1930/1996), Sigmund Freud mostra que o processo civilizatório implica uma renúncia pulsional: a repressão das pulsões individuais é o preço a pagar pela vida em sociedade. A política, nesse sentido, é inseparável da economia libidinal dos sujeitos — o poder é exercido não apenas por coerção, mas também por meio do desejo e da identificação.

Em *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921/1996), Freud demonstra que o laço social se sustenta em processos inconscientes de identificação com o líder e com o ideal. O poder político opera, então, através de mecanismos psíquicos: o líder encarna o "ideal do eu" (Ichideal), oferecendo aos indivíduos uma imagem de completude e pertença. As massas, neste quadro, são movidas tanto pelo amor quanto pela submissão — duas faces do mesmo vínculo libidinal.

Jacques Lacan, ao reler Freud à luz da linguística e da filosofia estruturalista, radicaliza essa perspectiva. Para ele, o sujeito é efeito do significante — ou seja, é produzido por uma rede simbólica anterior à sua existência. Lacan (1969–1970/1992) descreve os quatro discursos — do Mestre, da Universidade, da Histeria e do Analista — como modos de articulação entre saber e poder. Cada discurso organiza uma forma de laço social e uma estrutura de autoridade. **O discurso do Mestre**, sustenta a lógica política tradicional, baseada na obediência a um significante de autoridade; o **discurso da Universidade** traduz essa autoridade em saber técnico; o **discurso da Histeria**, assume uma natureza interrogativa do sujeito e impulsiona um saber de outro; o **discurso do Analista** propõe uma subversão, ao deslocar o sujeito da sua posição de alienação para fazê-lo confrontar-se com o seu próprio desejo.

Michel Foucault, não sendo psicanalista, dialoga intensamente com essas questões ao analisar o poder como uma rede capilar, produtiva e difusa, que atravessa os corpos e os discursos. Em *A vontade de saber* (1976), ele propõe

que o poder moderno não se limita à repressão, mas opera por meio da produção de saberes e subjectividades — um conceito que ecoa no modo como a psicanálise entende a constituição do sujeito através da internalização de discursos e normas.

Judith Butler, inspirada por Foucault e pela psicanálise lacaniana, amplia esse debate ao mostrar, em *O psiquismo do poder* (1997/2017), que o sujeito é formado justamente pela sujeição. A norma — política, de género, moral — não apenas oprime o indivíduo, mas também o torna possível como sujeito. O poder, portanto, é paradoxal: é aquilo que limita e, ao mesmo tempo, constitui o sujeito.

As transformações políticas e tecnológicas contemporâneas — da comunicação digital à cultura da performance — revelam que o poder circula de modo cada vez mais íntimo, infiltrando-se nas relações afectivas e terapêuticas. Nesse contexto, a psicanálise relacional oferece uma lente fundamental: o poder não é apenas uma estrutura vertical, mas algo que se manifesta **no entre**, no campo relacional onde sujeito e outro se constituem mutuamente.

A **psicanálise relacional**, formulada por autores como Stephen Mitchell, Jessica Benjamin e Lewis Aron, desloca o foco do modelo intrapsíquico para o intersubjectivo. O inconsciente não é apenas um espaço interno, mas uma dimensão que se revela **na relação**. Isso tem implicações tanto clínicas quanto políticas: o poder e o desejo jogam-se, negociam-se e transformam-se nos encontros humanos.

Na **relação terapêutica**, por exemplo, o analista deixa de ser o detentor do saber e passa a ser um co-participante de um campo criativo. A transferência e a contratransferência tornam-se não apenas fenómenos a serem interpretados, mas **instrumentos de criação de relação**. Jessica Benjamin (1988) fala da importância do "reconhecimento mútuo" — a possibilidade de que analista e paciente se reconheçam como sujeitos, não como objectos de controle. Essa experiência de mutualidade tem um valor profundamente político: ela desafia as hierarquias tradicionais do saber e do poder, propondo

uma ética do encontro e da reciprocidade.

A **criatividade**, nesse contexto, é mais que uma capacidade individual: é uma forma de resistência simbólica. Criar é resistir. Donald Winnicott (1975), com sua noção de *espaço potencial*, já havia indicado que o brincar e a criação são formas do sujeito se apropriar do mundo sem se submeter totalmente a ele. Na psicanálise relacional, essa ideia expande-se: a relação terapêutica torna-se um espaço potencial de reinvenção subjectiva, onde novas narrativas e formas de ser podem emergir.

Politicamente, isso sugere que a transformação social passa também pela **capacidade criativa de nos relacionarmos de outra forma** — fora das repetições autoritárias e das identificações alienadas. O que se ensaia na clínica pode ecoar na cultura: reconhecer o outro, sustentar a diferença e criar laços sem dominação são gestos éticos que têm um alcance político.

Num mundo saturado por discursos de poder e por relações mediadas pelo controle e pela imagem, a psicanálise — em particular na sua vertente relacional — propõe uma contracorrente. Ela aposta no vínculo, na palavra e na imaginação enquanto forças transformadoras. Nesse sentido, a relação terapêutica é um microcosmo político: um lugar onde se podem experimentar novas formas de poder, baseadas não na imposição, mas na co-criação.

No contexto português contemporâneo, marcado por uma polarização política, discursos de ódio e desconfiança generalizada, essa leitura ganha urgência. O país vive uma espécie de crise de reconhecimento: o outro é frequentemente percebido como inimigo, não como interlocutor. Nesse cenário, o que se observa é a colonização do espaço público pelo afecto destrutivo — ressentimento, inveja e medo — que substitui o diálogo por identificação cega com ideais ou líderes.

A psicanálise oferece aqui uma contribuição fundamental: pensar a política não como campo de certezas, mas como **espaço de elaboração simbólica do conflito.** A relação terapêutica, entendida como experiência de escuta e co-criação, torna-se um modelo ético possível para o laço social. A capacida-

de de sustentar o desconforto da diferença, de criar pontes em vez de muros, é também uma forma de resistência ao autoritarismo e à lógica binária que domina o debate público.

Assim como o analista reconhece no paciente um outro com quem pode criar sentido, a sociedade precisa de recuperar a capacidade de se reconhecer na sua diversidade — de transformar a tensão em diálogo e o conflito em potência criativa. A política, nesse horizonte, deixa de ser mera disputa de poder para se tornar um **processo contínuo de escuta e invenção de relação**.

Nesse movimento — ético, clínico e político — a psicanálise relacional aponta um caminho de esperança: a possibilidade de recriar o laço social a partir da empatia, do reconhecimento e da criatividade compartilhada.

Em jeito de conclusão e de volta às questões da Maria:

"Como é que se lida com alguém com TOC?"

"Como é que se lida com alguém do Chega?"

Lidamos com o outro num espaço aberto de relação.

Lidamos com o outro com papéis e limites estabelecidos.

Lidamos com o outro com naturalidade e poesia!

(E há quem odeie poesia, como tantas outras coisas e tantas outras pessoas, quando não sabemos o que são ou quem são)

Lidamos quando conhecemos e somos conhecidos.

Lidar é reconhecer e ser reconhecido.

Referências Bibliográficas:

Benjamin, J. (1988). *The bonds of love: Psychoanalysis, feminism, and the problem of domination*. Pantheon.

Butler, J. (2017). *O psiquismo do poder: Teorias da sujeição*. Autêntica. (Obra original publicada em 1997)

Foucault, M. (1976). *A vontade de saber*. Graal.

Freud, S. (1996). Psicologia de grupo e análise do ego. In *Edição standard*

brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 18. Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (J. Salomão, Trad.). Imago. (Obra original publicada em 1921)

Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 21. O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927–1931)* (J. Salomão, Trad.). Imago. (Obra original publicada em 1930)

Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Zahar. (Seminário proferido em 1969–1970)

Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Imago.